

Avistamentos de a - entre falenas evanescentes e o brilho dos vaga-lumes¹

Elenize Dezgeniski

em trilha de Cartel

Bom dia a todas e todos, agradeço à Biblioteca Freudiana de Curitiba pelo espaço e acolhimento do nosso Cartel. Em especial Paula Salomão Brock, Maria Angélica Carreras, Nilma Bittencourt, membras e membros da BFC e público presente.

Quando começamos este Cartel, em maio de 2020, o mundo entrava no caos da pandemia de covid 19. Nossos encontros se deram de maneira online, aos sábados pela manhã com frequência semanal. Foi realmente uma travessia com muitos desafios a serem contornados: lutos, lutas e a insistência por esse espaço de produção de subjetividade e dispositivo privilegiado de formação psicanalítica.

Escolhemos como imagem de percurso, não uma estrada reta, mas uma trilha. Uma trilha é algo que se faz nas fricções dos passos. Um esboço de caminho. Uma trilha não garante o destino, mas permite que o caminhante se perca, e encontre percursos e recursos ainda não imaginados.

Acredito ser assim também, o saber. Não se caminha de encontro ao saber, se caminha na direção do não saber. Desta maneira torna-se possível o exercício do contorno, que se dá em relação ao centro que é a própria falta em torno da qual orbitamos.

Tenho certeza que cada integrante orbitou em relação ao seu próprio impossível de ser dito, o que produziu trabalhos bastante singulares.

¹ Trabalho apresentado no desenodamento do Cartel *Objeto a*, realizado em 02/07/2022 na Biblioteca Freudiana de Curitiba.

O que me lembra um ensinamento da dança butoh, também conhecida como a “dança da escuridão”, que surge no Japão na década de 50, após as explosões das bombas de Hiroshima e Nagasaki: “o outro está com você para que você possa se sentir mais sozinho”. Agradeço imensamente à Hilda Victoria Carrasco, ao Luiz Gustavo e à Jandyra Kondera por estarem comigo e me permitirem à solidão deste processo. Ou quem sabe seria solitude.

Ler como quem caminha, escrever como quem caminha. Neste percurso, que para mim sempre foi noite, observar os vaga-lumes, tornou-se um método. Passei a olhar e a recolher o que conservava um certo brilho fantasmático para mim. Fantasma, é coisa que vemos de relance, mas que pode servir como bússola. Como um relâmpago na escuridão que aponta um caminho. Algo do entrevisto, do entreouvido, palavra, corpo e esquecimentos.

Sobre os vaga-lumes, é a sua oscilação e desaparecência, que me interessam. Vaga-lume é coisa aparecida e desaparecida num curto intervalo de tempo. E eles se movem sem darem pistas de onde estará o próximo ponto luminoso da paisagem. Têm ainda aquela marca da luz que fica gravada na retina, por alguns segundos, depois que a imagem desaparece. Como moscas volantes, voláteis. Como mancha.

Para fazer uma arqueologia da imagem, o filósofo francês Georges Didi-Hubermann, as compara às falenas, as mariposas noturnas, e que para, realmente, observá-las não deveríamos nunca estancar sua qualidade de movimento, caçando-as com redes e alfinetando-as em pranchas de cortiça, ou guardando-as em vidros com éter, pois seria então o corpo morto do inseto que observaríamos em detalhes. Para o autor a imagem é uma borboleta viva. Cuja origem sempre está perdida. São mariposas evanescentes, que ao fazerem seu arco em direção à luz, morrem incendiadas pela mesma luz que as atrai.² Irônica coincidência, a vela que revela por iluminar é a mesma vela que extermina ao

² AS ideias aqui desenvolvidas estão no livro DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima**. Trad. Helano Ribeiro. Curitiba: Ed. Medusa, 2018.

queimar. Somente de relance e em movimento é que poderíamos compreender melhor a sua natureza.

Então compreendo que para ter algum avistamento de *a*, é necessário entender primeiro a sua qualidade de movimento. Uso aqui a palavra avistamento, que é um termo usado para quando avistamos algo, mas também para os “causos de aparições”, já que estamos na noite, na trilha e o objeto privilegiado é o olhar. Que, como é sabido, engana em seu jogo de parecenças. Possuir as imagens seria como enlouquecer.

É sobre perceber as aparições de *a* em relação às imagens e as palavras e tentar torná-las escritura, e quanta coisa cai nessa operação, já que escrever também é se deparar com o “real da escrita”, e se dá a partir de uma impossibilidade e de uma ausência. “A realização de uma irrealização que está ligada à ausência primeira de onde nascem os gestos, atos e palavras.”³

Walter Benjamin e Didi-Huberman, abordam a imagem como um sintoma, “capaz de guardar um signo secreto à espera de uma redenção. Saber olhar uma imagem, seria de certo modo, tornar-se capaz de discernir onde ela queima, onde sua eventual beleza reserva o lugar de uma crise inquieta”. E teríamos que soprar suas brasas mornas por debaixo, para reacender sua luz, seu calor, seu perigo. O Real também provoca buracos na imagem ao queimá-la, essas seriam as *imagens furo*, diferentes das imagens *muro*, as borboletas mortas. Para os autores as imagens como sintoma seriam sempre uma sobrevivência. E não seria *a* uma espécie de queimadura no corpo cuja órbita é a pulsão?

³ O desenvolvimento do pensamento de Blanchot sobre o Real da escrita consta nas seguintes bibliografias: LEVY, Tatiana Salem. **A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2003 - (Conexões; 19) e BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. RJ, Rocco, 1987.

Temos então as brasas mornas de um incêndio, as chispas e a escuridão. A intermitência dos vagalumes, a movência das falenas, a bomba de Hiroshima, os corpos, a trilha e os intercessores. Notas de um atravessamento em *chiaroscuro*.

O *chiaroscuro* é uma palavra italiana para “luz e sombra” ou, mais literalmente, “claro-escuro”, é uma das estratégias inovadoras da pintura renascentista do século XV, junto ao *sfumato*, *cangiante* e *unione*. O *chiaroscuro* se define pelo contraste entre luz e sombra na representação de um objeto, porém com número menor de nuances tonais, nas transições, se comparado com o *sfumato*.⁴

Gostaria de retomar o sentido da busca, junto com o filósofo do espaço literário Maurice Blanchot, quando afirma que o sentido da busca é um contorno:

Lembro-me de que a primeira significação da palavra encontrar não é de forma alguma encontrar, no sentido do resultado prático ou científico. Encontrar um canto é torneir o movimento melódico, fazê-lo girar. Aqui não existe nenhuma ideia de finalidade, ainda menos de parada. Encontrar é quase exatamente a mesma palavra que buscar que diz: “dar a volta em”.

— Encontrar, buscar, girar, ir em volta: sim, são palavras indicando movimentos, mas sempre circulares. Como se o sentido da busca fosse necessariamente um giro. (..) Encontrar é buscar em relação ao centro, que é o próprio inencontrável. (BLANCHOT p.64 e 65).⁵

Podemos dizer, num certo sentido comum, que a escrita se refere ao objeto ausente, evidenciando a distância entre a coisa em si e a sua representação. O “isso foi” do acontecimento e sua transcrição entre linguagens. Avançando alguns passos, o que busco evocar aqui é justamente evidenciar a palavra, e por consequência as imagens, como presença e como movência. E não seria essa a operação no campo da arte que nos faz parar diante de uma obra, como uma fissura no tempo, criando desacelerações, afecções e novos sentidos?

⁴ Fonte <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chiaroscuro>

⁵ BLANCHOT, Maurice. **Falar, não é ver in. A conversa infinita – a palavra plural**. Editora Escuta, 2010.

Lembro que escrever e falar são de natureza errática, quantas vezes não topamos com o duplo sentido de uma palavra como numa espécie de encruzilhada? Ou o quanto, na maioria das vezes, as palavras são insuficientes para expressar o que experienciamos. Para Blanchot “a palavra e o erro estão em família (...) como se você lembrasse de que não se enganaria se não falasse. A palavra, sabe-se bem, é o recurso e, mesmo etimologicamente, a origem do diabo.”⁶

Para a psicanálise, a palavra também opera como a palavra possível diante da impossibilidade de ser dizer tudo. As coisas são mais *acertadas pela palavra*, do que representadas por ela quando o mecanismo analítico está em operação. Daria para dizer que a psicanálise também funda um território. O território do vir a ser sujeito; desejante, portanto, faltante, mas que ao girar em torno do vazio entre as palavras e a vida, às vezes a palavra se torna vida, como coisa em ato, como realidade do inconsciente, que é ele mesmo segundo Lacan, estruturado como uma linguagem. É preciso em análise que o sistema significante continue em movimento, sendo que um significante é sempre um significante para outro significante, isso é movimento, é preciso também a disruptura operada pelo corte. Apenas aponto para possíveis relações entre a linguagem literária e a linguagem do inconsciente. Para aprofundar essa discussão seria preciso considerar as dimensões Real, Simbólica e Imaginária nos dois campos de conhecimento. Faço essas relações porque me interessa onde nascem as palavras, sejam elas no campo da arte ou no campo da constituição do sujeito. O fato é, que nos dois campos, a palavra opera primeiro diante do impossível e depois diante dos outros significantes que vão dar alguma ordem para nossa percepção do mundo.

Portanto, tomo como procedimento, escrever como quem avança o passo em direção ao não saber, girando em torno das palavras e conservando o perigo dessa experiência. Vou juntando as coisas, um traço de coisa com outro traço de coisa. Uma maneira de desencontrar coisas inteiras.

⁶ Idem ao 5.

Aproveito para falar dos intercessores. Deleuze diz que os intercessores são essenciais, pois sem eles não haveria obra. Para um filósofo, poderiam ser os artistas ou cientistas, para um cientista, filósofos ou artistas. Para os artistas, os psicanalistas e vice-versa..., mas também, os intercessores podem ser coisas, plantas ou animais. “É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê.” (DELEUZE, p. 156)⁷. São diferentes dos interseccores, que compartilham intersecções, recortes num mesmo ponto - *a bolsa ou a vida*. Aqui é sobre interlocução, aproximações e uma zona de tensões e deslizamentos que muito me interessa. Os encontros e desencontros da palavra, na arte e na psicanálise, buscando os encontros com o real da escrita.

Mas garanto que os autores que evoco aqui não cometem crimes epistemológicos contra nosso escopo de leituras compartilhadas. São meus *intercessores* e Lacan é um deles.

Paralelamente a esta escrita, desenvolvi minha dissertação de mestrado em Artes Visuais e Lacan resolveu conceitualmente muitas coisas por lá. E os autores de lá, Maurice Blanchot, o filósofo e historiador de arte George Didi Huberman e Walter Benjamin ficaram soprando ao meu ouvido que poderiam estar aqui.

Daí você ouve uma frase que te captura como uma grande baleia: por exemplo: “O Real é mirar o abismo e que o abismo te devolva a mirada”, ou “a é o outro, que não é o outro, és tu”, ou ainda “a é o outro que é a parte do meu corpo que me prolonga e escapa”.

Vocês estão percebendo que ao longo do texto, estou buscando falar dos conceitos Lacanianos com as minhas próprias palavras. Há risco. Mas isso é um exercício e queria fazer alguma coisa com esse resto, sem precisar amarrá-lo

⁷ DELEUZE, G. *Conversações*. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996.

em repetições de saber sob o risco de estancar sua qualidade de movimento e me perder em nós que não eu conseguiria desatar. E que muitas vezes anotei apenas as baleias e perdi as referências.

Porque num passo a mais, também percebi, num labor mais longo, a questão de como falar **sobre** psicanálise, falar **sob o efeito** da análise e falar **sob e sobre** o efeito do estudo e prática da psicanálise, para os psicanalistas e para quem se aproxima deste campo do conhecimento. Escrever sob o efeito do Cartel. Talvez esse seja o tema desta escrita, também.

A elaboração do conceito de objeto *a* se dá ao longo de toda a obra de J. Lacan. No percurso que fizemos, caminhamos do *Seminário 1* aos *Nomes do Pai*, o Seminário interrompido. Trata-se do único conceito que Lacan considera como invenção originalmente sua. *a* é a primeira letra da palavra “outro” (autre), daí sua origem, e está relacionado sobretudo a esta pergunta: Quem é o outro?

Definido pelo autor como “o objeto causa do desejo”, trata-se um conceito fundamental que relaciona as teorias da falta e das relações de objeto com a teoria da pulsão. Um conceito complexo de abordar por, justamente, apresentar-se em negativo e ser o ponto central que sustenta o Nó Borromeu, topologia do elo entre Real, Simbólico e Imaginário.

O objeto *a* é aquilo que cai entre o corpo e o objeto perdido. Uma letra que representa o buraco na cadeia significante, produzido por aquilo que é impossível de significar. Essa operação inaugura o simbólico quando perdemos os primeiros objetos na infância, entre eles, a placenta, o seio materno, o olhar e o grito. É a função da perda que permite a inscrição da falta. É o objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ele que constitui o suporte de toda e qualquer função da causa. Para a psicanalista Clara Cruglak, “um traumatismo fundante ao qual o sujeito poderá habitar”.⁸

⁸ Clara Cruglak, *Jornadas de trabalhos 2020*, da Escola Freudiana de Buenos Aires.

Aquilo que fica gravado no corpo, a partir dos olhos, do ouvido, do grito, da perda da placenta, da mudança de um ambiente aquático para a dor do primeiro ar entrando nos pulmões, que logo vai aliviando numa oscilação entre prazer e desprazer. *a* surge a partir da perda dos objetos, mas também de sua intermitência. A ponto de fazerem borda nos orifícios e direcionar a pulsão para os ambientes de gozo.

É um conceito que nos aponta que é através da perda que entramos na linguagem. É através da perda do seio que a criança alucina o objeto seio, é na compreensão do corpo separado do corpo da mãe que a criança se olha no espelho e de si faz uma imagem separada pela primeira vez, esse acontecimento chamado *Estadio do espelho* marca a inauguração do eu e do imaginário. Só que nessa operação alguma coisa se perde e entra em cena o olhar do grande outro, que em uma de suas facetas seria o lugar das palavras que nos determinam e agem em nós. O próprio inconsciente, que é formado em última instância pelas marcas da linguagem que regem os nossos atos. O que o outro quer de mim? O que o me olha naquilo que eu vejo?

Faço uma última volta, agora ao redor dos olhos do personagem Stephan Dédalus para finalizar essa série de digressões disparadas a partir do atravessamento do cartel.

Ao descrever um trecho de *Ulysses* de James Joyce, Didi-Huberman relata primeiro a angústia do personagem Stephan Dédalus diante dos olhos da mãe moribunda em seu leito de morte, que miravam a ele, implorando alguma coisa, algo que ele teria recusado, “petrificado no lugar”⁹:

(...) seus olhos perscrutadores, fixando-me da morte, para sacudir e dobrar minha alma. Em mim somente. Os círios dos mortos a alumiar sua agonia. Lume agonizante sobre face torturada. Seu áspero respirar ruidoso estertorando-se de horror, enquanto todos rezavam a seus pés. Seus olhos sobre mim para redobrar-me. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 38).

⁹ In DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998

Stephan terá visto na sequência, os olhos de sua mãe fecharam-se definitivamente. E voltando incessantemente a fixá-los nos sonhos. “Como se tivesse sido preciso fechar os olhos de sua mãe para que sua mãe começasse a olhá-lo verdadeiramente”. (DIDI-HUBERMAN, 1998, P. 32). A mãe já não está, mas o olha através da paisagem marítima:

Um vaso de águas amargas que iam e vinham, Maré sombria batendo no espaço e, enfim, batendo em seus olhos, turvando sua visão. Então começamos a compreender que cada coisa a ver, por mais exposta, por mais neutra de aparência que seja, torna-se inelutável quando uma perda a suporta – ainda que pelo viés de uma simples associação de ideias, mas constrangedora, ou um jogo de linguagem – e desse ponto nos olha, nos concerne, nos persegue. (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 33)

Suportar o vazio e perceber a sua sombra quando o ato de ver abre-se em dois porque separa dentro da gente aquilo que olhamos daquilo nos olha. “o que vemos só vale, – só vive – em nossos olhos por aquilo que nos olha”.

Diante da mãe, que o mira enquanto agoniza, Stephan Dédalus se angustia: “petrificado no lugar” e com “a alma redobrada”. Posteriormente, passando a vê-la na paisagem e repetidamente nos sonhos, onde sente que finalmente pode enxergá-la por inteiro. A mãe também passaria a olhá-lo através das coisas, fazendo-se presente de outra maneira, a partir de sua ausência. Aqui, o encontro com o real da morte e o processo de elaboração do luto.

O corpo que tomba nos convida a cair. O corpo que tomba é um corpo que permanece. Entre o vazio do corpo ausente e do cheio de nossas presenças vivas há um objeto que cai e, que, no entanto, não desprega da retina.

Queria ter falado também sobre o toque do chofar, pulsão invocante, do ouvido sem pálpebras, das pálpebras de Buda, do agalma e dos olhos perfurados de Édipo... Mas corto, lembro que a objetividade é o correlato de um phatos de corte e que a palavra pode matar a coisa.

Referências Bibliográficas

- BLANCHOT, Maurice. **Falar, não é ver in. A conversa infinita – a palavra plural.** Editora Escuta, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Tradução de Álvaro Cabral. RJ, Rocco, 1987.
- DELEUZE, G. **Conversações.** 2 ed. São Paulo: Editora34, 1996.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem queima.** Trad. Helano Ribeiro. Curitiba: Ed. Medusa, 2018.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** São Paulo: Ed. 34, 1998
- LACAN, J. **O Seminário - livro 1: Os escritos técnicos de Freud.** - 2.ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____ **O Seminário - livro 4: A relação de objeto.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- _____ **O Seminário - livro 7: A ética da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____ **O Seminário - livro 8: A transferência.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____ **O Seminário - livro 9: A Identificação: Seminário 1961 – 1962 / Recife:** Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- _____ **O Seminário - livro 10: a angústia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____ **O Seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LEVY, Tatiana Salem. **A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2003 - (Conexões; 19).